

UMA PAISAGEM NECRÓPOLE, SUA HISTÓRIA E VISITANTES: ESTUDO SOBRE O ANTIGO POVOADO DE GOUVELÂNDIA, GOIÁS

Jean Carlos Vieira Santos¹
Kamylla Rodrigues de Jesus²

Resumo: Este manuscrito visa investigar questões históricas e contemporâneas que envolvem o cemitério do antigo Porto Gouveinha, ao destacar sua relevância para a comunidade e verificar se tal paisagem pode ser compreendida como parte da cultura e memória do lugar. Para a construção deste trabalho, utilizaram-se dados documentais sobre os aspectos históricos da prefeitura desse município, e os levantamentos do referencial teórico ocorreram em revistas eletrônicas, livros etc. Depois disso, partiu-se para o trabalho de campo e a abordagem empírica da investigação, com a aplicação de 47 questionários aos visitantes do cemitério e a obtenção de depoimentos informais e do material fotográfico. Assim, foi possível apresentar os seguintes resultados: 50% dos sujeitos inquiridos são do sexo masculino e 50%, do feminino; 25% concluíram o ensino superior; 87,5% são oriundos de Gouvelândia, Goiás, Brasil; 75% disseram visitar o lugar apenas no Dia de Finados. Ademais, 100% consideram o cemitério um patrimônio histórico, e 87,5% citam que o poder público tem abandonado os patrimônios históricos, não somente o cemitério no espaço rural, como também as antigas residências no contexto urbano.

Palavras-chave: Memória, Rio Paranaíba, Goiás, Patrimônio, Espaço Rural.

1 Introdução

O histórico cemitério de Porto Gouveinha, no município de Gouvelândia, Goiás, Brasil, representa uma experiência peculiar de contato com o que restou do antigo povoado afogado pelas águas do Rio Paranaíba, que foi represado com a construção da Hidrelétrica de São Simão. Assim, pretende-se desenvolver uma reflexão e apresentar o contexto contemporâneo de uma paisagem necrópole que é visitada por antigos moradores do lugar e seus familiares.

Além disso, visa-se elencar algumas questões históricas e contemporâneas que envolvem o cemitério do antigo Porto Gouveinha (hoje, Gouvelândia/GO), ao destacar sua relevância para a comunidade e verificar se essa paisagem pode ser compreendida como parte da cultura e memória do lugar. Cumpre dizer que o antigo cemitério, antes urbano, ocupa a zona rural do município – território onde predomina o agronegócio em grandes

¹ Professor dos Mestrados Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER/UEG/Anápolis) e Geografia (PPGEO/UEG/Campus Cora Coralina). Pós-doutorado em Turismo pela Universidade do Algarve/Portugal e Doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (IGUFU). Email: jean.vieira@ueg.br

² Professora da Escola Municipal Vicente Fernandes da Silva Neto, Quirinópolis (GO). Graduada em Geografia Universidade Estadual de Goiás – UEG Campus Sudoeste. Email: kamylla_krj@hotmail.com

propriedades, nas quais se sobressaem, sobretudo, a produção de cana-de-açúcar e a pecuária.

Apesar de ser considerado, pelo poder público local, um patrimônio histórico e cultural do município, por que o cemitério do antigo Porto Gouveinha se encontra abandonado? Tal fato fica claro pela observação dos jazigos e das demais construções na parte interna. Ademais, questiona-se: De quem é a responsabilidade de preservação e manutenção desse patrimônio histórico? A identidade do povo de Gouvelândia/GO corre risco de ser esquecida devido ao descaso?

Para a construção deste trabalho, utilizaram-se dados documentais sobre os aspectos históricos da Prefeitura de Gouvelândia/GO e de antigos moradores de Porto Gouveinha, e os levantamentos do referencial teórico ocorreram em revistas eletrônicas, livros e outros. Depois dessa etapa, partiu-se para o trabalho de campo, abordagem empírica da investigação. Nesse contexto, Braga (2011, p. 136) expõe que a observação e a coleta de dados “devem ultrapassar o empirismo por meio de uma sistematização e articulação de diálogos entre os conhecimentos tratados durante toda a experiência”.

Por meio do trabalho de campo, fez-se o levantamento fotográfico com antigos moradores que retratam a história do lugar. Nesse momento, aplicaram-se 47 questionários com os frequentadores do cemitério, especialmente em 2 de novembro, entre 2015 e 2018, data conhecida como Dia de Finados. Com base em Santos e Silva (2015, p. 672-673), salienta-se que o artigo adota os métodos qualitativo e quantitativo, com:

[...] a perspectiva de informações qualitativas (entrevistas) e quantitativas (inquérito). [...] o método quantitativo caracteriza-se pelo emprego da quantificação [...]. O método qualitativo [...] incorpora a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, relações e estruturas sociais.

O recorte espacial de pesquisa, município de Gouvelândia/GO, está localizado na microrregião de Quirinópolis, entre as coordenadas geográficas de 19°04'11" sul e 51°06'11" oeste. Possui área de 831 km² e altitude média de 395 metros. É drenado por afluentes da margem direita do Rio Paranaíba, um dos formadores do Rio Paraná, cuja microrregião é composta por outros oito municípios: Quirinópolis, Paranaiguara, São Simão, Cachoeira Alta, Caçu, Itarumã, Itajá e Lagoa Santa (SANTOS, 2010).

De acordo com a Lei n. 401, criada em 20 de agosto de 2001 (PREFEITURA DE GOUVELÂNDIA, 2001), o “Cemitério da Antiga Gouvelândia” está situado na propriedade Fazenda da Chapada. Como mencionado nesta pesquisa, ela se volta à possibilidade de resgatar e manter viva a memória do povoado de Porto Gouveinha, por meio do estudo do último resíduo, o cemitério, denominado neste manuscrito como paisagem necrópole histórica.

2 A paisagem necrópole na pesquisa geográfica: uma abordagem na perspectiva cemiterial

Esta pesquisa parte da discussão sobre a categoria geográfica paisagem para posteriormente abordar a realidade atual do antigo cemitério de Gouvelândia/GO (Figura

1), na zona rural do município. Diante disso, afirma-se que a paisagem é uma categoria importante na pesquisa geográfica, pois traz diferentes abordagens e reflexões teóricas. Ela será a palavra-chave desse primeiro contexto teórico, pois servirá de suporte teórico para compreender os sentidos do objeto em análise.

Figura 1

ENTRADA DO CEMITÉRIO DA ANTIGA ÁREA URBANA DENOMINADA PORTO GOUVEINHA, ÀS MARGENS DO RIO PARANAÍBA



Fonte: Elaboração dos autores (2016).

De acordo com Troll (1996, p. 3), a paisagem é “um conceito da geografia regional e comparativa”. Desse modo, torna-se relevante sublinhar as palavras de Ribeiro (2001, p. 3), para quem compreender o mosaico de paisagens de determinado território:

[...] é desvendar não apenas o significado dos sinais exteriores percebidos pelo sentido da visão. É, principalmente, entender os processos estruturadores e dinâmicos da própria realidade percebida. Entretanto, não basta o entendimento das aparências, ou seja, da dimensão imediata desta realidade. É necessário ir além das aparências e penetrar na essência dos fenômenos para se buscar as causas da própria existência destes (RIBEIRO, 2001, p. 3).

Troll (1996, p. 6) relata ainda que a observação da paisagem compreende manifestações climáticas, e não somente características do solo e relevo, em que todas:

[...] as paisagens refletem também transformações temporais e conservam testemunhos de tempos passados [...]. [...] as paisagens econômicas mudam relativamente depressa, “de tempos e tempos” e, inclusive, durante a própria observação do geógrafo (TROLL, 1996, p. 3).

Nesse entremeio, Troll (1996, p. 4) arrazoa que “cada paisagem é um indivíduo. Porém, ao se verificar uma determinada característica relativa ao conjunto das paisagens, agrupam-se todas em um conjunto”. Logo, o cemitério é uma paisagem necrópole que, no caso de Gouvelândia/GO, se insere no contexto histórico do município e, segundo Santos (2009, p. 104), “existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual”.

O recorte da paisagem como estratégia de leitura do cemitério de Gouvelândia/GO, localizado no antigo Porto Gouveinha leva a pensar um lugar que não é turístico, mas que recebe visitantes especialmente no Dia de Finados. Assim, Duarte et al. (2012, p. 148) explicam que o estudo das paisagens precisa extrapolar a tradicional metodologia da descrição dos elementos ou comparação com a paisagem remota do espaço:

[...] a partir da descrição como competência inicial, para em seguida buscar as explicações e interpretações [...]. As espacialidades complexas que se configuram sobrepostas às paisagens, mas que não são visíveis, precisam ser apontadas e traduzidas como interferências e existências no movimento da paisagem enquanto espaço geográfico. A partir da paisagem, enquanto expressão visual da realidade é possível compreender melhor como o lugar se organiza enquanto recorte espacial. A paisagem, por ser o primeiro nível de identificação com o lugar, permite uma melhor compreensão da dimensão empírica da constituição deste, frente à realidade global.

Duarte et al. (2012) salientam que, nessa espacialidade complexa sobre o estudo da categoria geográfica paisagem, pode-se compreender melhor o espaço e perceber que, independentemente da vertente epistemológica, há uma estreita relação entre a materialização visual e a dinâmica cotidiano-global. Tal concepção não será relevante para este estudo, pois se tenciona realizar uma análise local.

Um conceito bastante equilibrado foi dado por Callai (2000), para quem a paisagem não se cria por acaso, mas resulta da vida dos homens, processos de produção e movimentos da natureza. A leitura sobre o histórico cemitério de Gouvelândia/GO possibilita compreender as particularidades do lugar, o que torna o recorte de estudo um território singular que faz parte da história de um antigo povoado que não existe mais, por ter sido alagado pelo reservatório da Hidrelétrica de São Simão.

Com base em Costa (2010, p. 21), pode-se definir a categoria paisagem “como um conjunto de relações sociais realizadas através de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e presente”. Vale frisar que a paisagem necrópole de Gouvelândia/GO testemunha a recente trajetória histórica de um lugar que não existe mais.

Além disso, Costa (2010, p. 43) explica que os territórios “não são criados por si só (não são sujeitos de mudanças, existem a partir da percepção humana”. Os homens criam paisagens como o cemitério de Porto Gouveinha e as transformam segundo a lógica de “seu tempo, os estruturam conforme suas necessidades produtivas e reprodutivas, de uma ideologia que é, ao mesmo tempo, um dado da essência e um dado da existência humana” (ibidem, p. 43).

Nesse viés teórico, não se pode negar que o conceito de paisagem traz inquietações nos estudos da Geografia, pois é uma categoria que incita o debate, mesmo quando essa paisagem é um cemitério. Pelo fato de tal conceito se:

[...] revestir de abordagens subjetivas e baseadas em vivências particulares de quem a observa, muitos autores têm relativizado os seus estudos sobre paisagem. De fato, a paisagem se encontra muito mais encoberta de simbolismos e significados do que de vegetação e acidentes geográficos. Um estudo mais aprofundado a respeito do assunto dificilmente não enveredaria por um viés de abstrações e relativismos humanos (FONTENELE; MATOS, 2015, p. 73).

Pesquisas sobre cemitérios históricos podem contribuir com a discussão relativa à paisagem cultural, segmento comumente abordado em estudos geográficos:

A paisagem retém a atenção, uma vez que é o suporte das representações. Ela é simultaneamente matriz e marca da cultura. Matriz, visto que a organização e as formas que estruturam a paisagem contribuem para transmitir usos e significações de uma geração à outra. Marca, visto que cada grupo contribui para modificar o espaço que utiliza e gravar aí os sinais de sua atividade. O que era estudado pela geografia no começo do século – e os símbolos de sua identidade (CLAVAL, 2006, p. 102-103).

Ao tratar da paisagem, Claval (2006, p. 103) postula que os homens inscrevem, nos “monumentos que erigem e nas inscrições que fazem aqui e ali, a ordem de significados que os motivam. [...] Entre as criações da cultura, a paisagem é a que retém maior atenção, pois lança-se sobre ela um novo olhar”. Esse raciocínio faz pensar na responsabilidade dos órgãos públicos sobre as paisagens culturais e históricas, pois muitas se encontram abandonadas e com o futuro incerto, como o objeto ora investigado. São, porquanto, territórios desprezados pelas políticas públicas por não coadunarem às tendências econômicas do agronegócio.

De acordo com Ruschmann e Tomelin (2013, p. 191), a paisagem é “um registro da memória cultural de um povo”. Nessa vertente, o estudo cemiterial não pode ser abandonado na Geografia, pois pode colocar em risco os relatos de memórias e legados históricos desse município goiano. Assim, Fontenele e Matos (2015, p. 73) discorrem que “a paisagem passa a ser vista como o produto das interações humanas num determinado espaço. Quanto maior for o convívio e o contato de um povo com o seu território, mais representações constarão em sua paisagem”. Nesse cenário, cada indivíduo possui critérios próprios de avaliação e escolha de uma paisagem, e:

[...] se considerarmos a bagagem sociocultural e axiomática que cada um carrega consigo mesmo, os olhares direcionados para um objeto receberá diversas interpretações. Prova disso seria a constatação que muitas pessoas têm diante um mesmo ponto observado. Dificilmente elas entrariam num consenso a respeito de suas apreensões. Possivelmente algumas ficariam curiosas, inquietas ou sentiriam prazer, ao passo que outras, quem sabe, apresentariam um simples conformismo e antipatia (FONTENELE; MATOS, 2015, p. 73).

Determinar a importância da paisagem para a prática da atividade turística tem se tornado objeto de estudo para especialistas e pesquisadores que se debruçam sobre o assunto. Embora a paisagem não seja o único fator que impulse o desenvolvimento do turismo em um destino, é preciso reconhecer a significativa contribuição no que tange às escolhas dos turistas em diversos deslocamentos (RUSCHMANN; TOMELIN, 2013; FONTENELE; MATOS, 2015).

O antigo cemitério de Gouvelândia/GO se localiza na paisagem rural, a qual tem:

[...] sociabilidade do modo de vida caipira de outros tempos e que, de forma ressignificada, chega até os dias atuais. [...] uma paisagem cultural de representações e conteúdo, uma paisagem caipira [...]. Pode-se dizer que o modo de viver o rural traz consigo elementos do urbano (MATA; SANTOS, 2015, p. 39).

Dessa maneira, Carrasco e Nappi (2009, p. 48) pontuam que a paisagem necrópole pode ser considerada “a segunda morada, onde o túmulo é a casa e o cemitério é a projeção de um quarteirão, de uma vila ou até mesmo de uma cidade”. No caso de Gouvelândia/GO, tal símbolo histórico de um cotidiano tinha sociabilidades às margens do Rio Paranaíba, mas hoje ocorre em uma nova cidade a quilômetros desse lugar:

O valor de caráter ambiental/urbano está relacionado aos espaços destinados aos cemitérios que, muitas vezes, estão inseridos nos núcleos históricos das cidades e representam espaços abertos que preservam suas áreas verdes [...]. Quanto ao valor histórico, considera-se que é nesses espaços que repousam os restos mortais de pessoas, ilustres ou não, que contribuíram de alguma forma para a história da humanidade (CARRASCO; NAPPI, 2009, p. 49-51).

Costa (2003, p. 241) arrazoia que “o espaço da morte é repensado, criando-se as bases para uma especialização do espaço urbano”. Em Gouvelândia/GO, o cemitério se localizava nas proximidades do antigo espaço urbano que foi inundado pelo surgimento do reservatório da Hidrelétrica de São Simão. Atualmente, é um resíduo desse antigo povoado que foi transferido para outra paisagem, saindo das margens do rio Paranaíba para uma geomorfologia chamada de chapada.

Nesse sentido, Costa (2003, p. 242) alerta que “não há dúvida de que a localização do cemitério se tornou um problema no instante em que se intensifica a aglomeração urbana. Havia, porém, alternativas ao simples isolamento da área dos mortos”. A paisagem necrópole da antiga Gouvelândia/GO (Porto Gouveinha) jamais foi um problema na expansão urbana, pois ficava distante aproximadamente dois quilômetros da antiga cidade. Cumpre dizer que a:

[...] origem dos antigos cemitérios cristãos está ligada ao desejo dos fiéis de serem enterrados no interior da igreja, ou ao menos o mais próximo possível de seus muros, sob as calhas, para se beneficiar das águas bentas que escorriam do edifício sagrado: daí o fato de os antigos cemitérios europeus serem colados as igrejas (COSTA, 2003, p. 242).

Segundo a autora citada, a racionalidade moderna criou as funções espaciais. Nessa vertente, pode-se afirmar que os mortos e a morte ficaram isolados na zona rural de

Gouvelândia/GO, especialmente pelos moradores mais jovens. Bonjardim (2009, p. 18) cita que “cada cidade e cada cultura tem sua paisagem dominante, composta de signos que fazem sentido para os habitantes do local numa determinada época, ou seja, a junção do significado e significante”.

Especialmente nas obras produzidas por geógrafos e investigadores de áreas afins, notaram-se dificuldades em adotar um termo ou uma categoria conceitual para definir a paisagem necrópole no contexto da pesquisa em Geografia. A discussão não será finalizada neste momento, pois serão abordados outros aspectos nos tópicos a seguir.

3 Cemitérios como paisagens de memória

Para compreender a paisagem de memória, alega-se que a expressão é sinônima da paisagem necrópole, especialmente quando é retratado o histórico cemitério do antigo povoado de Porto Gouveinha. Nele existem pormenores de relações social, cultural e histórica, que pode fazer do território uma espécie de museu a céu aberto na zona rural de Gouvelândia/GO, não somente pela presença de túmulos históricos, mas também pelos simbolismos religiosos que permanecem na paisagem, como mostra a Figura 2.

Figura 2

PEQUENA CAPELA E CRUZEIRO DO CEMITÉRIO DO PORTO GOUVEINHA, EM GOUVELÂNDIA/GO



Fonte: Elaboração dos autores (2016).

De fato, as diferentes paisagens de memórias ou cemitérios podem receber a conceituação popular de um lugar assombrado e de medo. Por influência da mídia, com os filmes de terror, pessoas associam o cemitério a elementos negativos, enquanto, para outras, ele possui sentidos distintos de paz, aconchego e tranquilidade.

Quando se entra em um cemitério, as pessoas procuram viver as lembranças que estão na memória, em relação aos entes ali sepultados (BONJARDIM, 2009). Para o autor:

[...] foram os homens de Neanderthal que primeiro sentiram a necessidade de enterrar seus mortos, de criar um espaço destinado a eles, um espaço mágico de adoração, um território para depositar oferendas junto ao corpo, um espaço sagrado o primeiro de respeito ao além. (BONJARDIM, 2009, p. 23).

Sob esse viés, Brandão (1998) indica a importância do trabalho da memória como redenção das épocas passadas na história humana, principalmente em relação aos cemitérios, onde se notam elementos de lembrança e saudade. Neles se inserem contextos de cada geração, responsáveis por viver a própria história e por escrever a “história em si mesma e também através da história irreversível dos acontecimentos realizados pelos que nos antecederam” (ibidem, p. 33).

A memória de cemitérios também se faz presente nas fotografias das lápides de cada túmulo, pois evocam lembranças, emoções, “impressões e, por outro lado, estimulam a imaginação daqueles que não têm ligação com quem foi fotografado. A utilização das imagens fotográficas desencadeia percepções de memória e história” (MORAES, 2012, p. 83). Essa memória fica congelada pela fotografia, trazendo a ideia de uma memória individual que se apoia:

[...] mais precisamente na percepção evolutiva do sujeito, cuja lembrança se ultrapassa e se distancia no tempo, assumindo características pessoais, pois se confunde no processo cognitivo do sujeito que transformou biologicamente e culturalmente sofrendo assim as forças das influências dos vários grupos sociais que pertenceu e tenha influenciado na visão de mundo (NOGUEIRA; LIMA, 2012, p. 133).

Nesses termos, a valorização de cemitérios antigos, ainda localizados em paisagens de povoados ou cidades que não existem na atualidade, a exemplo de Porto Gouveinha, pode ser uma rica fonte de pesquisa. Para Abreu (2012, p. 19), em “países novos, essa tendência é inédita e reflete uma mudança significativa nos valores e atitudes sociais até agora predominantes”. Essas paisagens são, portanto, verdadeiros museus a céu aberto.

Depois de um longo período em que só se cultuava o que era novo e resultou num ataque constante e sistemático às heranças advindas de tempos antigos, o cotidiano urbano e histórico brasileiro foi invadido por discursos e projetos que pregam a restauração, a preservação ou a valorização de diversos vestígios do passado:

A busca da identidade dos lugares, tão alardeada nos dias de hoje, tem sido fundamentalmente uma busca de raízes, uma busca de passado. O Brasil é um país de cidades novas. A maior parte de seus núcleos urbanos surgiu no século passado. Poucas são as cidades brasileiras, que ainda apresentam vestígios materiais consideráveis do passado (ABREU, 2012, p. 21).

Portanto, o passado do cemitério de Porto Gouveinha precisa ser resgatado, e a “preservação/recuperação/restauração do que sobrou [...] é um objetivo que deve ser perseguido por inúmeros agentes, destacando-se aí os governos municipais” (ABREU, 2012, p. 23). No entanto, durante os trabalhos de campo realizados, não foi percebida a

preocupação com a memória do antigo cemitério por parte das políticas públicas de Gouvelândia/GO.

Nas palavras de Abreu (2012), a memória de um lugar é coletiva, sem se desvincular da individual. Muitas memórias de pessoas que viveram acontecimentos relevantes em uma cidade se perderam (e se perdem) no tempo. Apesar de ter uma dimensão individual, muitos referentes da memória são sociais, permitindo que, além dela, haja uma intersubjetiva, compartilhada, memória coletiva.

Do ponto de vista da arquitetura, o poder público local poderia criar um projeto para transformar o antigo cemitério de Porto Gouveinha em museu ao ar livre ou museu-jardim, o que demonstra, de forma amena, o passado cultural e histórico do município e do Rio Paranaíba, além de contemplar o modo de vida e os costumes de antigos sujeitos.

É preciso abordar a discussão entre a comunidade e o poder público, pois:

Os museus que se encontram em áreas externas ocupam grandes extensões de terreno e geralmente estão fora dos centros urbanos. Podem ser subdivididos em ecomuseus, museus ao ar livre, *site museums* e museus jardim. Estes últimos abrangem todas as modalidades de zoológicos, jardins botânicos e similares, como parques com esculturas (BARRETTO, 2007, p. 147).

Durante as atividades de campo na paisagem investigada, ficou explícita a necessidade de necessários projetos de revitalização e/ou gentrificação do patrimônio. Barretto (2007, p. 157) defende que, para o patrimônio:

[...] a melhor opção para eludir a ação inexorável do tempo parece ser a conservação por meio de projetos de revitalização e/ou gentrificação, que permitem viabilizar economicamente a manutenção dos bens culturais, sejam móveis ou imóveis.

Sobre esse assunto, os órgãos públicos e a comunidade organizada de Gouvelândia/GO poderiam ser convocados para participar eventualmente para criar um cemitério-museu. Defendem-se a organização e a criação de um projeto de musealização do histórico cemitério de Porto Gouveinha, como forma de mostrar:

[...] o passado histórico sem obrigar a um congelamento das populações. A musealização permite a criação de microcosmos onde histórias fidedignas são contadas. Pode-se reproduzir um momento do passado, que seja importante para a identidade de um determinado grupo social, com tanta autenticidade quanto possível, em face do que as tecnologias atuais oferecem, e com qualidade estética (BARRETTO, 2007, p. 158).

Municípios da microrregião de Quirinópolis/GO (Gouvelândia, Caçu, Itarumã, Paranaiguara, São Simão, Cachoeira Alta, Quirinópolis, Lagoa Santa e Itajá) são carentes de museus. Por conseguinte, tais espaços poderiam funcionar como equipamentos educativos de uma região que pouco ou quase nunca valoriza o passado. No que tange ao valor histórico dos cemitérios dos referidos lugares, parte da história dos povos que habitaram o Cerrado adquire uma função específica: a valorização da memória de sujeitos que contribuíram com o desenvolvimento regional.

4 O entorno da paisagem necrópole do Porto Gouveinha: um olhar descritivo a partir do trabalho de campo

Ao analisar as fotografias que ilustram o trabalho, constata-se uma paisagem degradada e abandonada, especialmente no contexto do patrimônio edificado no cemitério, que reflete diretamente os aspectos sociais, históricos e culturais. Durante os trabalhos de campo foi observado que há a monocultura da cana-de-açúcar, e a paisagem necrópole investigada está cercada por canaviais.

O cemitério se encontra em péssimo estado de conservação, com a maioria dos túmulos sem identificação – jazigos que ainda têm placas estão pouco conservados, em que elas estão parcialmente quebradas. Na capela, apenas a imagem de uma santa, “Nossa Senhora Aparecida”, necessita ser restaurada. Apesar do abandono por parte do poder público e da ausência de segurança, esse território ainda é utilizado pela população do entorno, pois, durante as atividades empíricas, ainda ocorrem sepultamentos.

Para efeitos de estudos e análises do entorno da paisagem necrópole localizada na zona rural de Gouvelândia/GO, faz-se necessário destacar as palavras de Bonjardim (2009, p. 14): “todos os espaços são resultantes da interligação de elementos variados tanto do elemento da ação humana quanto da própria natureza e organização deles e sempre modificada historicamente”. Esse modo de pensar pode levar à seguinte reflexão:

O ser humano cria o além, a vida após a morte, como ela é onde ela fica e de que jeito se chega lá. A partir de então começa a cultuar seus mortos, pensar neles, a fazer rituais para ter uma vida melhor após o fim terreno. Estabelece-se ainda um espaço para a morte, lugar onde ela reina, isto e cria-se um território da morte (BONJARDIM, 2009, p. 24).

No cemitério histórico do interior goiano há uma capela, cruzeiros e variadas imagens que simbolizam a religiosidade dos sujeitos que ali estão enterrados. Nessa paisagem, cada família possui um túmulo onde os mortos repousam um após o outro, sempre juntos, sem enterrar ninguém que não tenha a mesma ascendência ou descendência.

Esse local de repouso dos mortos costuma ficar “longe da vivência das famílias, na maior parte das vezes, não muito distante da cidade, mas longe o bastante para não causarem medo aos vivos [...], é tão particular que, mesmo em caso de venda da propriedade” (BONJARDIM, 2009, p. 25), não pode ser destruído, pois o túmulo é um direito da família, um território particular. Daí a necessidade de políticas públicas voltadas à conservação do cemitério, que guarda parte da história do Porto Gouveinha e da zona rural próxima desse lugar.

Quando se visitou o cemitério histórico na zona rural de Gouvelândia/GO, durante os trabalhos de campo, pôde ser observado um cenário de total descaso. No lugar, há túmulos que, em grande parte, estão danificados ou não possuem identificação, imagens ou cruzeiros estão danificados. Nesse ínterim, questiona-se: de quem realmente é a responsabilidade – apenas do poder público ou de familiares?

Com a descrição da paisagem referente ao cemitério, percebe-se que quase não há árvores, flores ou grama, e sim sinais de queimadas. No entorno dos túmulos, o cuidador do patrimônio histórico realiza pequenas limpezas, e na parte externa, verificam-se avanços no cultivo da cana-de-açúcar onde antes existiam lavouras de milho, soja, e pastagens para gado.

Assim, o local fica cada dia mais esquecido e abandonado perante os olhares de sujeitos que visitam a paisagem, apesar de ser frequentado, na maioria das vezes, por pessoas com parentes enterrados ali. Logo, a maioria da população gouvelandense não conhece a própria história, que tende a sobreviver somente na memória dos moradores mais antigos do município.

O histórico cemitério de Gouvelândia/GO representa a identidade de antigos grupos sociais que se estabeleceram na região, às margens do Rio Paranaíba, e, como descreve Souza (2013, p. 166), “o lugar aparece como a materialização das formas e funções, a partir das relações entre sujeitos e objetos, que constroem e reconstroem o território, a paisagem e o próprio espaço”. Essa paisagem tem a própria história e está vinculada, indissociavelmente, a um modo de vida que não existe mais, e não à produção do agronegócio localizada no entorno.

5 Os sujeitos visitantes do cemitério do antigo Porto Gouveinha

Para conhecer os sujeitos visitantes do histórico cemitério de Porto Gouveinha, foi aplicado um questionário/inquérito com 30 sujeitos, como relatado na introdução deste artigo. Com base em Santos e Freitas (2012, p. 41), pode-se afirmar que, durante as aplicações dos questionários, não se buscaram informações “pormenorizadas a respeito das sepulturas e conjuntos escultóricos, a fim de perceber os elementos tal como eles se apresentam ao público em geral”.

No que concerne aos questionários aplicados, a escolha das variáveis pretende responder os sujeitos que ainda visitam a paisagem necrópole no Dia de Finados. Todavia, os trabalhos de campo realizados em outros meses não obtiveram o mesmo sucesso, pois não se encontraram visitantes além dessa data. A informação acerca do grupo social que se deslocou até o espaço rural de Gouvelândia/GO mostra que 50% são do sexo masculino e 50%, do feminino – a maior parte dos entrevistados era composta por casais e mães acompanhadas dos filhos.

Durante os trabalhos de campo, observaram-se poucas esculturas no cemitério histórico de Porto Gouveinha, o que não as tornam menos relevantes. Talvez, em outra investigação, elas mereçam um estudo mais detalhado e descritivo para apresentar a arte cemiterial e escultura tumular da paisagem estudada.

No caso das pessoas que chegam ao cemitério de Porto Gouveinha, não foi afastada a hipótese da baixa qualificação acadêmica/escolar dos visitantes, pois 12,5% não foram alfabetizados, outros 12,5% têm o Ensino Médio incompleto e 25% concluíram esse último nível educacional. Pode-se destacar que 25% concluíram o curso superior (licenciatura/bacharelado) e outros 25% conseguiram finalizar o Ensino Fundamental; logo, percebe-se que o nível de escolaridade dos frequentadores é variado, desde os indivíduos não alfabetizados até os que possuem ensino superior.

Outro resultado que merece destaque no questionário aplicado é que 87,5% dos visitantes são de Gouvelândia/GO, ao passo que outros 12,5% são de municípios goianos próximos, como Inaciolândia e Quirinópolis. Essa presença no Dia de Finados mostra que as paisagens necrópoles continuam carregadas de valores e estão diretamente ligadas às memórias das pessoas. Por isso, tais sujeitos tentam estar presentes nos territórios de saudade, sobretudo em datas especiais, o que mostra o valor histórico e patrimonial dos cemitérios.

No que concerne à profissão de cada visitante entrevistado, grande parte (37,5%) dos inquiridos é composta por empregadas domésticas – os outros 25% são trabalhadores rurais; 12,5%, professoras; 12,5%, engenheiros civis; e 12,5% indicaram que não possuem uma profissão. Convém salientar que todos os entrevistados neste trabalho se deslocam até o cemitério histórico de Gouvelândia/GO em veículos próprios, pois indicaram que não recebem nenhum apoio dos órgãos públicos em 2 de novembro, data em que é comemorado o Dia de Finados. Em depoimentos informais, os entrevistados disseram que ônibus ou qualquer outro meio de transporte é disponibilizado pela prefeitura de Gouvelândia/GO.

Em termos gerais, 75% dos inquiridos informaram que visitam o lugar apenas no Dia de Finados, enquanto 25% realizam visitas em outras oportunidades, ou seja, mais de uma vez no ano. De acordo com os entrevistados, o cemitério histórico fica esquecido o ano todo, por não ser próximo à nova Gouvelândia/GO, sendo esquecido ao longo do tempo.

Enquanto isso, as pesquisas de campo mostraram que 50% dos visitantes do lugar levam velas para enfeitar os túmulos; 44%, flores artificiais; e 6%, flores naturais. Grande parte da população que visita o cemitério em 2 de novembro é católica, o que leva a compreender que a religiosidade marca a cultura local, por levarem velas para acender aos pés da santa na capelinha e, assim, renovarem pedidos e orações para seus entes. Segundo os entrevistados, esse é um comportamento comum em todos os anos.

Nesse contexto, todos os inquiridos (100%) consideram que o cemitério do antigo Porto Gouveinha é um patrimônio histórico de Gouvelândia/GO. Na entrada do lugar, inclusive, há uma referência à importância histórica, o que confirma a opinião dos visitantes.

Em se tratando dos significados de existência dessa tradicional e histórica paisagem necrópole, nas primeiras décadas do século XXI, optou-se por verificar se o cemitério de Porto Gouveinha poderá fazer parte de um projeto de turismo cultural no município. Nesse caso, 100% dos entrevistados responderam que sim, mas se sabe que falta interesse em desenvolver qualquer projeto de incentivo à visita e preservação do lugar, especialmente por parte do poder público.

Por meio dos contatos realizados no trabalho de campo, foi possível observar que, para 87,5% dos sujeitos entrevistados, o poder público de Gouvelândia/GO tem abandonado os patrimônios históricos, não somente o cemitério no espaço rural, como também as antigas residências do contexto urbano, para a história local caminhar para o esquecimento. Não existem diálogos na Câmara Municipal e nem na Prefeitura para algum projeto ser desenvolvido – uma alternativa seria criar Organizações não Governamentais (ONGs) para cuidar dos patrimônios que marcam a história do lugar.

Cada visitante destacou, ainda, uma palavra-chave que melhor define a histórica paisagem necrópole de Gouvelândia/GO, no intuito de compreender a importância desse território para as pessoas. Nesse sentido, 55% o destacaram como parte da história da cidade; 25% o indicaram como a principal paisagem cultural; e 20% citaram como o espaço de memória que mais se sobressai no município.

Até 2019, ano de realização desta pesquisa, não se verificaram investimentos para revitalizar o local, e sim reparos feitos pelo zelador do lugar. No entanto, reitera-se a existência da Lei n. 401 (PREFEITURA DE GOUVELÂNDIA, 2001), que coloca o cemitério de Porto Gouveinha como patrimônio histórico dessa paisagem.

Criada em 20 de agosto de 2001 pelos vereadores que compunham a Câmara Municipal de Gouvelândia/GO à época, tal lei foi sancionada pelo prefeito José do Nascimento Januário:

Art. 1º. Passa a integrar o Patrimônio Histórico do Município de Gouvelândia, o imóvel “Cemitério da Antiga Gouvelândia”, situado na propriedade Fazenda da Chapada, de propriedade do Sr. Antônio Carvalho Gouveia, neste Município de Gouvelândia.

Art. 2º. Fica o Chefe do Poder Executivo, autorizado a promover observadas as normas que regem a espécie, a adoção de medidas necessárias para regularização.

Art. 3º. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário (PREFEITURA DE GOUVELÂNDIA, 2001, p. 1).

Como foi notado um abandono durante os trabalhos de campo, pode-se dizer que a lei supramencionada não foi aplicada de fato – os moradores também a desconhecem, pois não solicitam melhorias no lugar. Diante disso, assegura-se que o cemitério histórico de Gouvelândia/GO se caracteriza:

[...] como um espaço onde está refletida a organização social da cidade onde se insere. Muito mais que um espaço onde a sociedade depositou (e deposita) seus mortos, também ali eterniza-se o status da família caracterizando-se como um espaço de distinção social. Tal distinção se faz possível através da monumentalidade e da presença de conjuntos escultóricos de maior ou menor valor artístico ou até mesmo da ausência dos mesmos. (SANTOS; FREITAS, 2012, p. 43).

Notoriamente, o visitante vai à paisagem necrópole de Porto Gouveinha, no Dia de Finados, devido à sua história e importância memorial. Nas falas dos entrevistados, não são evidenciadas expectativas com relação a algum trabalho de restauração, higienização e profundas transformações estruturais voltadas à mobilidade dos visitantes.

Verifica-se que, na construção de qualquer cemitério, a primeira ação se refere a escolher o lugar para ser construído. Assim, os responsáveis partiam de princípios geográficos, sobretudo em relação ao relevo, em que escolhiam a parte mais alta e longe da cidade, para evitar que doenças se disseminassem entre a população.

Recomendavam-se áreas que pudessem ser varridas pelos ventos, pois a ventilação (o fluxo de ar) ajudaria na higienização. Essa seleção era tão complexa que

havia especialistas para tal. O lugar não poderia ser muito longe da cidade, pois deveria permitir o acompanhamento e as visitas dos familiares, bem como o acesso aos mortos.

O cemitério de Porto Gouveinha ficava a aproximadamente dois quilômetros do povoado. Em uma conversa informal (pesquisa qualitativa) com o atual prefeito de Gouvelândia/GO, pode-se constatar que recentemente:

[...] houve a criação de uma lei para que o cemitério não fosse totalmente destruído para dar lugar às pastagens ou lavouras, e foi constatado que não existem políticas públicas e nem projetos de restauração para a conservação do mesmo [sic]. Ao se aproximar do Dia de Finados, mandamos uma equipe para o cemitério para fazer a limpeza e também pintar os muros do mesmo [sic] para que, no dia 2 de novembro, as famílias que ali desejarem visitar e recordar um pouco do passado possam ir e encontrarem o mínimo de zelo no lugar. A maioria dos túmulos ali existentes já estão abandonados, pois já se está na quarta geração da família, e muitos não continuam zelando pelo mesmo [sic] ou até já foram para outros municípios (ENTREVISTA INFORMAL DE TRABALHO DE CAMPO, 2016).

Por meio dessa pesquisa, descobriu-se que o cemitério da antiga Gouvelândia/GO não foi o primeiro do lugar, visto que havia outro, situado na fazenda Nova Descoberta, propriedade da família Gouveia. À época, as famílias costumavam criar cemitérios nas propriedades para enterrarem os familiares.

Pouco se sabe sobre o cemitério da Fazenda Nova Descoberta, primeiro cemitério da paisagem, em que não foram encontradas pesquisas sobre esse local. Se ainda existir, é possível afirmar que nele também estão registradas mudanças de um modo de vida que caracteriza a longa história de ocupação do vale do Rio Paranaíba. Novas investigações são imprescindíveis para se atentar ao que pode ser contado sobre a fazenda, o cemitério e os tempos pretéritos dos povos do lugar.

De acordo com Bezerra e Bezerra (2013), os cemitérios são fontes riquíssimas de informações que remetem ao resgate da memória de uma cidade, sob diferentes perspectivas. É possível compreender a composição socioeconômica e cultural de uma região, a partir do registro dos mortos, o que se constitui como ótima fonte de pesquisa histórica.

Neste estudo, o cemitério de Porto Gouveinha foi considerado uma rica fonte geográfica. Dessa maneira:

Anteriormente à existência de cemitérios em Fortaleza, até o ano de 1828, os ricos eram inumados nas paredes das igrejas, o restante da população era enterrado nos arredores das igrejas. Método posteriormente condenado pelos médicos por uma questão de saúde pública, uma vez que a decomposição de cadáveres produzia gases que poluíam o ar, contaminavam os vivos causando doenças e epidemias (BEZERRA; BEZERRA, 2013, p. 1502).

Bezerra e Bezerra (2013) raciocinam ainda que a divisão física do cemitério se assemelha à estrutura de um município, por haver quadras e ruas, aspectos encontrados principalmente nas grandes e médias cidades. Nesse caminho investigativo, pode-se afirmar que o cemitério de Porto Gouveinha é um forte indicador de evidências e

conhecimento do passado, cuja compreensão pode ser questionada, modificada e validada por novas informações.

6 Considerações finais

Ao analisar a paisagem necrópole histórica de Gouvelândia/GO, considerada um resíduo do antigo Porto Gouveinha, foi possível perceber que ela ainda é importante no cotidiano do lugar, principalmente àqueles que ainda visitam o território. Por meio dos trabalhos de campo, tencionou-se mostrar que tais atividades são relevantes não apenas pela história, como também pela geografia que se fez presente nesta investigação.

Foi possível visualizar descasos, abandonos, desmandos e transformações causadas pelo homem no espaço geográfico. Percebe-se que a paisagem necrópole é formada por diferentes elementos e pode ser caracterizada como uma paisagem modificada, quando sofre influência de um agente modificador. No cemitério em análise, o referido agente se insere na falta de políticas públicas, o que indica a falta de interesse em preservar a história desse território.

A paisagem necrópole pode não estar em constante processo de modificação, especialmente se comparada com a dinâmica do agronegócio nos municípios da microrregião de Quirinópolis, mas não se pode esquecer de que o cemitério histórico é fruto da ação humana no espaço. De fato, a preservação do patrimônio histórico que restou de Porto Gouveinha é primordial, pois retrata as relações sociais estabelecidas em uma época que não existe mais, com diferentes lógicas que não são praticadas na moderna Gouvelândia/GO, como pesca, travessia de balsa e modo de vida peculiar nos limites entre Goiás e Minas Gerais.

Diante dos resultados obtidos, pode-se afirmar que a paisagem histórica investigada ainda é importante para o visitante, uma potencialidade turística que não faz parte dos projetos e políticas públicas do município goiano. Tal lugar precisa ser preservado, uma vez que nunca deixará de existir na memória de quem um dia participou direta ou indiretamente desse contexto.

Referências

ABREU, M. Sobre a memória das cidades. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (Orgs.). **A produção do espaço urbano**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 145-159.

BARRETTO, M. **Cultura e turismo**: discussões contemporâneas. Campinas: Papirus, 2007.

BEZERRA, F. M. P.; BEZERRA, J. F. P. Arquivo de cemitério: fonte viva de informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2013. Disponível em: <https://anaiscbd.emnuvens.com.br/anais/article/view/1494>. Consulta realizada em 22/11/2019.

BONJARDIM, S. G. M. **Percepção e representação da morte nas paisagens arqueológicas de São Cristóvão e Laranjeiras**. 2009. 119 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2009.

BRAGA, R. B. A (re)significação do conceito de natureza e ambiente no ensino básico: um reflexão sobre as heranças iluministas e o trabalho de campo como mediação pedagógica. In: CAVALCANTE, L. de S.; BUENO, M. A.; SOUZA, V. C. de. **A produção do conhecimento e a pesquisa sobre o ensino de Geografia**. Goiânia: Ed. PUC-Goiás, 2011, p. 133-155.

BRANDÃO, C. R. **Memória e sertão**. São Paulo: Cone Sul, 1998.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. (Org.) **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000, p. 83-134.

CARRASCO, G. L. de A.; NAPPI, S. C. B. Cemitérios como fonte de pesquisa, de educação patrimonial e de turismo. **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 46-60, jul./dez 2009. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/60>. Consulta realizada em 17/10/2019.

CLAVAL, P. Abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p. 89-118.

COSTA, M. C. L. Os cemitérios e a espacialização da morte. In: RATTTS, A.; ALMEIDA, M. G. de (Orgs.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003, p. 237-260.

COSTA, E. B. **A concretude do fenômeno turismo e as cidades patrimônio mercadoria: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2010.

DUARTE, M. de B.; BARBOSA, F. M. da C. P.; FARIA, A. V. de; SOARES, B. R. B.; ROLIM, J. M. Da paisagem à paisagem-lugar: estratégias de sensibilização ambiental em alunos do ensino fundamental a partir do estudo do Parque dos Mangabeiras – Belo Horizonte. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 13, n. 43, p. 144-159, out. 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/17444>. Consulta realizada em 22/08/2019.

FONTENELE, C. H. S.; MATOS, F. de O. Turismo e fotografia: elementos para o estudo da paisagem em Camocim/CE. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 16, n. 53, p. 65-80, mar. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/27955>. Consulta realizada em 24/08/2019.

MATA, L. R. da; SANTOS, J. C. V. O visitante na paisagem rural: lazer, festa e musicalidade sertaneja no município de Quirinópolis/Goiás. **Turismo: Estudos & Práticas**, Mossoró, v. 4, n. 1, p. 28-55, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://natal.uern.br/periodicos/index.php/RTEP/article/view/1621>. Consulta realizada em 07/01/2020.

MORAES, G. M. da C. Memória e história dos retratistas em Quirinópolis, Goiás – 1935 a 2012. In: URZEDO, M. da F. A. **Quirinópolis: mãos e olhares II – história & imagem**. Goiânia: Kelps, 2012, p. 83-110.

NOGUEIRA, W. S.; LIMA, M. F. de F. A fotografia como fonte historiográfica no registro das transformações às margens do rio São Francisco em Quirinópolis. In: URZEDO, M. da F. A. **Quirinópolis: mãos e olhares II – história & imagem**. Goiânia: Kelps, 2012, p. 129-134.

PREFEITURA DE GOUVELÂNDIA. Lei n. 401, de 20 de agosto de 2001. **Patrimônio Histórico do Município de Gouvelândia: “Cemitério da Antiga Gouvelândia”** – Fazenda da Chapada, Gouvelândia, 2001.

RIBEIRO, A. G. Teoria da paisagem aplicada ao desenvolvimento rural sustentado. In: ENCUENTRO DE GEOGRAFOS DA AMERICA LATINA, 8., 2001, Santiago. **Anais...** Santiago: Universidad de Chile, 2001.

RUSCHMANN, D. V. de M.; TOMELIN, C. A. (Orgs.). **Turismo, ensino e práticas interdisciplinares**. Barueri: Manole, 2013.

SANTOS, J. C. V. **Políticas de regionalização e criação de destinos turísticos entre o Lago de São Simão e a Lagoa Santa no Baixo Paranaíba Goiano**. 2010. 367 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

SANTOS, J. C. V.; SILVA, J. A. A arte da olaria no turismo da Região Algarve, Portugal. **Visão e Ação**, Itajaí, v. 17, n. 3, p. 658-690, 2015. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/8305>. Consulta realizada em 27/09/2019.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2009.

SANTOS, S. J. dos; FREITAS, A. A arte cemiterial como fator de distinção e eternização do status social no cemitério São Francisco de Paula. **O Mosaico**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 31-45, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/6202/3f1b8915dbcdb17f8239bfc93ae2b2a7b786.pdf>. Consulta realizada em 23/06/2019.

SOUZA, E. A. **O território e as estratégias de permanência camponesa da comunidade Pedra Lisa no processo de expansão das lavouras de cana-de-açúcar em Quirinópolis/GO.** 2013. 351 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

TROLL, C. A paisagem geográfica e a sua investigação. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 1-7, jun. 1996. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6770>. Consulta realizada em 07/10/2019.

A NECROPOLIS LANDSCAPE, ITS HISTORY AND VISITORS: STUDY ON THE OLD TOWN OF GOUVELÂNDIA, GOIÁS

Abstract

This manuscript aims to investigate historical and contemporary issues concerning the old Porto Gouveinha cemetery by highlighting its relevance to the community and verifying if this landscape can be understood as a part of culture and memory of the place. For the construction of this work, documentary data about the historical aspects of the city hall was used, and the surveys of the theoretical framework were conducted in electronic magazines, books etc. After that, the fieldwork and the empirical approach to the research were started with the application of 47 questionnaires with cemetery visitors and the acquisition of informal statements and photographic material. Thus, it was possible to present the following results: 50% of the interviewed subjects are male and 50%, female; 25% completed higher education; 87.5% are from Gouvelândia, Goiás, Brazil; and 75% said they visited the place only on Day of the Dead. Furthermore, 100% consider the cemetery as a historical heritage site, and 87.5% cite that the government has abandoned the historical heritage, not only the cemetery in the countryside, but also the old residences in the urban context.

Keywords: *Memory, Paranaíba River, Goiás, Heritage, Rural Space.*